

Tornar-se estudante militar: *compreensões do corpo diretivo e administrativo da Escola Tiradentes/RS*

Becoming a military student:
*understandings of the governing and administrative body of Tiradentes
School/RS*

Tornarse en un estudiante militar:
entendimientos del órgano directivo y administrativo de la Escuela Tiradentes/RS

 **RICARDO GONÇALVES SEVERO***

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande- RS, Brasil.

RESUMO: Observa-se na atualidade o aumento da oferta do ensino militar, em especial no governo Bolsonaro (2019-2022), com as escolas cívico-militares. No Rio Grande do Sul – RS, a expansão da rede de educação militar estadual tem como modelo a Escola Tiradentes, em Porto Alegre. Essa rede de ensino militar existe há pouco mais de 10 anos e conta com oito escolas. Assim, objetiva-se compreender a busca por escolas militares a partir da perspectiva da sociologia do conhecimento (MANNHEIM, 1982) e da fenomenologia social (SCHUTZ, 2012), além da importância dos rituais (PEIRANO, 2003) e práticas cotidianas na formação de *habitus* (BOURDIEU, 2004) específico por sujeitos/as sociais envolvidos/as com a construção da escola militar. Empregou-se a pesquisa social reconstrutiva, a partir de entrevistas narrativas com diretor, vice-diretor e coordenadora pedagógica, sobre as características da escola e estudantes. Valores como segurança, meritocracia e a ‘militaridade’ constituem um modelo de socialização, uma etapa para tornar-se estudante militar.

Palavras-chave: Escola militar. Escola Tiradentes. Sociologia da educação.

* Doutor em Ciências Sociais. Professor da Universidade Federal do Rio Grande e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: <rgsevero@furg.br>.

ABSTRACT: There was an increase in the offer of military education, especially during Bolsonaro government (2019-2022), put forth by civic-military schools. In Rio Grande do Sul – RS, the expansion of the state military education network has Tiradentes School in Porto Alegre as its model. This military education network has existed for little more than 10 years and has eight schools. Therefore, the objective of this article is to understand the search for military schools from the perspective of the sociology of knowledge (MANNHEIM, 1982) and social phenomenology (SCHUTZ, 2012), in addition to the importance of rituals (PEIRANO, 2003) and daily practices in the creation of a habitus (BOURDIEU, 2004) specific for social subjects involved with the construction of the military school. Reconstructive social research was used and it was based on narrative interviews with the school principal, the vice-principal and the pedagogical coordinator about the characteristics of the school and students. Values such as safety, meritocracy and ‘militarism’ are a model of socialization, a step towards becoming a military student.

Keywords: Military school. Tiradentes School. Sociology of education.

RESUMEN: Actualmente ha habido un aumento en la oferta de educación militar, especialmente en el gobierno de Bolsonaro (2019-2022), con escuelas cívico-militares. En Rio Grande do Sul – RS, la expansión de la red estatal de educación militar sigue el modelo de la Escuela Tiradentes, en Porto Alegre. Esta red de educación militar existe desde hace poco más de diez años y cuenta con ocho escuelas. Así, el objetivo es comprender la búsqueda por escuelas militares desde la perspectiva de la sociología del conocimiento (MANNHEIM, 1982) y la fenomenología social (SCHUTZ, 2012), además de la importancia de los rituales (PEIRANO, 2003) y prácticas cotidianas en la formación de *habitus* (BOURDIEU, 2004) específico por sujetos/as sociales involucrados/as con la construcción de la escuela militar. Se utilizó la investigación social reconstructiva, a partir de entrevistas narrativas al director, al subdirector y a la coordinadora pedagógica sobre las características de la escuela y los estudiantes. Valores como la seguridad, meritocracia y ‘militarismo’ constituyen un modelo de socialización, un paso hacia convertirse en un estudiante militar.

Palabras clave: Escuela Militar. Escuela Tiradentes. Sociología de la educación.

Introdução

Este texto busca ser uma contribuição sociológica à pesquisa educacional sobre as escolas militares, a partir de uma premissa compreensiva, ou seja, dos/das agentes sociais que a produzem. Considerando a perspectiva da pesquisa em educação, há uma crescente e necessária quantidade de análises sobre as escolas militares ou a militarização de escolas (SANTOS *et al*, 2019; SANTOS, 2020; ROSEIRO, GONÇALVES & RODRIGUES, 2020) e outras pesquisas às quais o presente dossiê irá se somar. Entretanto, considerando-se uma análise interna às escolas, ou seja, por parte de seus/suas produtores/as e sem um objetivo normativo na redação, ainda são poucos os textos. Resulta uma lacuna sobre as motivações de seus/suas produtores/as e do público atendido pelas escolas militares.

Assim, para auxiliar nas análises sobre o fenômeno, este artigo tem por objetivo a apresentação sistemática da visão de mundo de seus/suas agentes, mais especificamente, o corpo diretivo e a coordenação pedagógica de uma escola militar no estado do Rio Grande do Sul, numa perspectiva sociológica¹. Com essa motivação, que vai além do presente texto, considera-se como parte fundamental, partindo da perspectiva teórica da sociologia do conhecimento e da fenomenologia social, as interpretações dos/das atores/atrizes sociais que se investigam, para posterior sistematização analítica e, eventualmente, crítica. Aqui, o objetivo é a apresentação sistematizada, considerando a síntese objetiva do ponto de vista dos/das produtores/as da escola militar como momento necessário da análise e, eventualmente, de proveito de pessoas interessadas no estudo do tema. Importa, ainda, o compromisso ético que firmou como objetivo justamente a compreensão dos/das envolvidos/as na produção cotidiana da escola militar sobre as razões de sua existência, sendo esse compromisso o que permitiu o ingresso no referido ambiente para análise.

Feita essa ponderação inicial, que guiará a redação do presente texto, considera-se que estudos sobre o ensino militar têm se tornado mais frequentes no atual contexto brasileiro, especialmente em razão da difusão de propostas do Governo Federal, a partir do Ministério da Educação – MEC, especificamente do Programa Nacional de Escolas Cívico-Militares – Pecim, durante a presidência de Jair Bolsonaro (2019-2022). Importa considerar na análise a perspectiva do diretor da Escola Militar Tiradentes sobre a distinção entre modelos de ensino militar. Para ele, há diferença entre o mais recente modelo criado (escolas cívico-militares), que estaria vinculado à proposta do governo de Bolsonaro; as escolas do Exército (totalmente militarizadas e voltadas para formação de militares); e o modelo de ensino da Escola Tiradentes. Há a compreensão de uma heterogeneidade de modelos militares de educação, sendo o das escolas cívico-militares uma proposta marcada pela vinculação política a Bolsonaro; as escolas do Exército, pelo objetivo da formação de militares; e, por último, a Tiradentes, com aspectos da formação de estudantes de uma escola militar, mas que não são militares – e justificando-se a busca pela Escola

Tiradentes, ainda segundo o diretor, por segurança, hierarquia e melhores resultados no Exame Nacional do Ensino Médio – Enem.

A questão do sentimento de segurança apareceu como elemento importante para escolha da escola militar. Disso resulta que, para muitas famílias, a solução para tais questões é o ensino militar, em especial pela implementação de valores baseados na disciplina, hierarquia e meritocracia, constituindo uma concepção de escola que atrai quantidade significativa de estudantes que, para participarem desses ambientes, necessitam de um processo de adaptação aos valores militares, definido como *militarismo*.

Partindo da constatação do aumento das escolas militares e cívico-militares, a presente pesquisa busca contribuir sobre o entendimento desse fenômeno, a partir de uma perspectiva que compreende o processo de socialização realizado no ambiente escolar com a prática de rituais cotidianos. Esses servem como forma de construir, junto ao seu público, uma visão de mundo comum, baseada no que se observou em pesquisa de campo como *militarismo*, que passa a constituir, a partir das práticas sociais organizadas, o que se denomina *conhecimento conjuntivo* (MANNHEIM, 1982), sendo adotadas não só na escola e pelos/as estudantes, mas pela comunidade escolar como um todo. Tais práticas se apresentam, especialmente, na disciplina, formas de comunicação, vestimentas e participação em atividades cívicas diversas, que, pela repetição rotineira, podem gerar um processo mais forte de sentimento comunitário. Outra interpretação possível e comum parte de uma perspectiva foucaultiana que compreende tais práticas como impositivas e, conseqüentemente, autoritárias.

Neste trabalho, busca-se compreender esse processo de socialização durante a trajetória estudantil desses/as jovens. O presente texto vincula-se, assim, à proposta de fomentar na sociologia da educação a análise de processos de socialização e desenvolvimento de visões de mundo (CUNHA, 2019). Analisam-se as entrevistas realizadas com o diretor (militar), o vice-diretor (militar) e a coordenadora pedagógica (civil) da Escola Tiradentes. A escolha desses sujeitos como referência para presente análise se deu pela posição hierárquica que ocupam na escola e, conseqüentemente, pelo poder objetivo e simbólico² que detêm.

A Escola Tiradentes em análise localiza-se no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, em funcionamento desde 2011, oferecendo aulas em turno integral, atendendo aproximadamente 250 estudantes do ensino médio. Faz parte da rede de escolas militares estaduais, que conta atualmente com oito unidades, sendo a mais antiga localizada em Porto Alegre, em funcionamento desde a década de 1980. O ingresso nas escolas da Rede Tiradentes ocorre por processo seletivo, composto por etapa intelectual e física, sendo as vagas divididas entre dependentes de policiais militares, dependentes de bombeiros/as militares e comunidade em geral³, com a maioria das vagas (mais de 60%) destinadas para os/as dependentes de policiais militares e bombeiros/as⁴.

A organização do texto deste artigo traz, após sua introdução, uma breve síntese sobre os estudos referentes às escolas militares, enfatizando os aspectos que se mostram mais relevantes para a busca desse tipo de escola. O próximo subcapítulo trata dos aportes teórico-metodológicos da pesquisa, dando ênfase à perspectiva da sociologia do conhecimento (MANNHEIM, 1982), da fenomenologia social (SCHUTZ, 2012) e a importância dos rituais (GOFFMAN, 2011; PEIRANO, 2003) como forma de socialização. A seguir apresentam-se as falas do diretor, do vice-diretor e da coordenadora pedagógica da escola, assim como sua análise e, por fim, as considerações finais.

O interesse de algumas famílias pela escola militar

Muitas pesquisas sobre o tema parecem seguir um roteiro organizado de tópicos pertinentes quando se consideram as justificativas de famílias e gestores/as sobre a escolha das escolas militares, o que denota uma possível relatabilidade em nível nacional sobre o que importa quando discute-se a escola militar: violência e resultados positivos em testes padronizados de avaliação do ensino médio e no Enem (CUNHA, 2019; SAUER, 2017; CABRAL, 2018; HONORATO, 2020; SANTOS, 2019; GARRIDO & FILPO, 2018).

No que diz respeito à violência, é possível afirmar tratar-se de uma questão central para o processo educacional, como observam Rodrigo Garrido e Klever Filpo (2018):

A preocupação com a violência escolar, no Brasil, não é injustificada. Seu impacto pode ser vislumbrado a partir de pesquisa realizada ao redor do mundo pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Neste levantamento, que envolveu mais de 100 mil professores e diretores do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio, contando com alunos de 11 a 16 anos, o Brasil apareceu na primeira colocação entre 34 países pesquisados (OCDE, 2014). A pesquisa da OCDE é a mais importante do tipo e considera dados de 2013. Na enquete, 12,5% dos professores brasileiros sofrem com agressões verbais ou intimidação de alunos ao menos uma vez na semana. O índice brasileiro é o mais alto entre os países pesquisados, nos quais a média é de 3,4%. Curiosamente, os professores da Coreia do Sul, Malásia e Romênia não relataram sofrer esse tipo de violência (GARRIDO & FILPO, 2018, p. 98).

Muitas famílias parecem perceber como solução para esse problema a organização militar, como forma de proteger seus/suas filhos/as de situações de violência. Ressaltam os autores, no entanto, que a violência no ambiente escolar reproduz aquela verificada na sociedade como um todo, dado não ser essa instituição um ente isolado – salvo, talvez, naquilo que Erving Goffman (2015) denominava como *instituições totais*, conceito que pode ser empregado para compreender, mesmo sem seu total fechamento, o funcionamento das escolas militares. Para Goffman, num modelo de tipo ideal, existem características que definem a instituição total:

Em primeiro lugar, todos aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é emposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição (GOFFMAN, 2015, p. 17-18).

O modelo apresentado por Goffman é empregado aqui como referência para análise⁵. É preciso considerar que, no caso em estudo, a participação é voluntária e nem todas as atividades são realizadas no mesmo local, mas dizem respeito à grande parte do dia, por conta do ensino integral. Ainda, é interessante observar que há um esforço por parte da administração para que as famílias participem e engajem-se nas atividades escolares, gerando algumas mudanças da dinâmica familiar, em razão das atividades realizadas pelo/a estudante. Como observa Margrid Sauer (2017) a respeito da mudança da rotina dos/das filhos/as, em especial no que diz respeito à obediência de horários, passa a ser algo respeitado e observado pelos/as responsáveis. Resulta que a padronização comportamental é garantida a partir da inclusão das famílias nas rotinas do ambiente escolar.

A respeito da busca por resultados positivos, em especial no Enem, novamente Sauer (2017) observa que o “que leva estas famílias a optarem por um sistema fortemente disciplinar para educar seus filhos ou filhas é a esperança de um bom desempenho no Exame Nacional de Ensino Médio, que permita a classificação em universidade pública de alta qualidade” (SAUER, 2017, p. 6). Tal procura ampara-se nos resultados obtidos pelos/as egressos/as das escolas militares, incluindo a Escola Tiradentes, nas universidades públicas. Entretanto, há de se considerar outras variáveis intervenientes, para além da metodologia de ensino, como o processo seletivo requerido ao ingresso na escola militar e o nível socioeconômico das famílias dos/das que ingressam (BENEVIDES & SOARES, 2020), sendo esse último uma variável interveniente para obtenção de bons resultados em testes padronizados (HONORATO, 2020). Concordando com Alessandra Benevides e Ricardo Soares (2020), nota-se que o debate sobre tais questões, mais especificamente a variável mais significativa para o sucesso em testes, passa em muitos casos por considerações normativas. De qualquer modo, é no quesito disciplina que as escolas militares buscam diferenciar-se das escolas civis. Sauer observou que, para as famílias que aderem ao ensino militar, “parece, num primeiro momento, que qualidade e disciplina são sinônimos” (SAUER, 2017, p. 66).

Considera-se também, na perspectiva que defende a escola militar, que o/a professor/a, ao utilizar o tempo de aula para controlar interrupções ou indisciplina, torna as aulas menos produtivas em termos de conteúdo apresentado, o que seria remediado com

a disciplina militar (BENEVIDES & SOARES, 2020), que significa “ter uma ordem, um regulamento a ser seguido, a conduta que assegura o bem-estar dos indivíduos e o bom funcionamento de uma organização” (HONORATO, 2020, p. 80). É possível perceber, a partir das referências que aderem a tal perspectiva, a centralidade da disciplina como ferramenta que propicia os bons resultados observados, juntando-se a isso o respeito à hierarquia e a aplicação da meritocracia como parâmetro avaliativo. Paulo Ramos dos Santos, autor que defende tal modelo de ensino, o justifica pelas notas obtidas em testes padronizados, como o Ideb, por estudantes dessas escolas, o que é possível porque

as escolas militares apostam em rígidos regimentos internos, disciplina a vestimentas e cabelos dos alunos, estabelece rotinas de culto aos símbolos nacionais, ordem unida, asseio das instalações físicas da sala de aula e revezamento dos alunos como auxiliares dos professores na disciplina dos colegas. Em caso de inadaptação do aluno ou falta grave, a exclusão sumária não é descartada (SANTOS, 2019, p. 194).

Tal compreensão produz críticas, como a de que, tendo o foco na disciplina militar, esse modelo “forma uma massa acrítica de estudantes, pautados mais pelo medo que pelo respeito” (BENEVIDES & SOARES, 2020, p. 318).

Seja qual for a compreensão sobre o resultado, é possível afirmar que disciplina e hierarquia são componentes fundantes da prática cotidiana nas escolas militares, o que é denominado como *militaridade*, que constitui um *habitus*, compreendido, conforme formulação de Pierre Bourdieu (2004), como disposições duráveis, transponíveis, que se apresentam nas formas de falar, vestir, pensar e que (re)produzem-se pelas relações de sociabilidades diárias. Para produção desse *habitus*, a realização de rituais tipicamente militares tem papel central nas escolas militares, as quais valorizam formas específicas de comportamento, fornecendo aquilo que Bourdieu também denomina de capitais específicos a cada campo. É aí que se consolidam expectativas comportamentais, compartilhadas pelos/as seus/suas integrantes a partir da sociabilidade rotineira orientada pelas regras estipuladas para o campo, gerando, assim, o universo de conhecimento comum de seus/suas integrantes; ou, em outro termo, aquilo que Karl Mannheim (1982) define como *conhecimento conjuntivo*, que numa organização como a militar se consolida de forma mais marcante, dado o caráter formalizado dos processos de interação diários, sendo os rituais os mais significativos. Soma-se a isso o tempo de participação no ensino médio (três anos) e a intensidade da participação (ensino integral). Como resultado de tais práticas sociais, é possível perceber um sistema de relevância (SCHUTZ, 2012), significando quais aspectos da experiência social são mais importantes para esses/as sujeitos/as. Observa-se aí a síntese dos elementos que auxiliam a compreender quais são os comportamentos e expectativas que definem o público-alvo.

Emprega-se, ainda, a noção de ritual de Mariza Peirano, um “sistema cultural de comunicação simbólica” (PEIRANO, 2003, p. 11), que serve ao propósito de constituir uma identificação para o grupo social e que constituem, a partir da repetição, o sistema

de relevâncias e, para a análise, a definição de quais são os valores de referência para o grupo. Indo adiante, é possível empregar a noção de Goffman (2011), de rituais como formas de apresentação do eu e de formas de interação esperados pelo outro, como por exemplo, pedir licença para entrar em um ambiente. Seguindo tal interpretação, pode-se compreender que o desenvolvimento do *habitus* da escola militar, por ser mais formalizado, é regularmente expresso por regras cerimoniais mais rígidas, como o uso de vestimentas e insígnias específicas para determinadas atividades, manifestações cívicas diárias, formas específicas de dirigir-se a outras pessoas conforme a diferenciação hierárquica, levando-se em conta também o período de participação no campo social, em que tais rituais são demandados para interação social. Sauer (2017) observa o processo de adoção dessas práticas por parte dos/das estudantes a partir de procedimentos de adaptação:

No Tiradentes, os alunos passam ao longo do primeiro ano por diversas etapas de adaptação antes de serem definitivamente integrados ao grupo. E esta integração se dá com a cerimônia de troca de boina. É o momento em que o aluno passa a ser incorporado ao sistema do Colégio Tiradentes da Brigada Militar, após um período de adaptação à carga horária de estudos, aos horários de entrada e saída do Colégio, ao uso correto do uniforme, ao cumprimento das normas que regem o Colégio Tiradentes da Brigada Militar (SAUER, 2017, p. 70).

Da mesma forma, Paulo Ramos dos Santos (2019), comenta para além do papel do asseio, vestimenta e outros; ele chama a atenção para as formas de reconhecimento daqueles/as que atingem maiores notas ou que seguem mais detidamente as normas, o que se torna visível nas formas de diferenciação visual e realização de cerimoniais para pares e familiares:

Medalhas, elogios e alamares aos alunos que obtiverem desempenho disciplinar e nota acima da média são condecorações, na presença de todos os alunos. A sanção para os alunos que não atingem desempenho satisfatório disciplinar e de notas é ficar de fora dessa gratificação que ocorre nas formaturas internas e outras vezes, externas, com a presença dos familiares (SANTOS, 2019, p. 195-196).

Com tais signos de distinção se produzem os capitais valorizados pelo grupo, baseados na meritocracia, compreendendo-se, por exemplo, as distinções oferecidas a quem tem maior desempenho em alguma área e reconhecimento, através de medalhas ou emblemas que passam a constituir o vestuário e podem ser exibidas como forma de demonstrar distinção. A partir de tais observações e dos apontamentos dos entrevistados e da entrevistada, que serão apresentados a seguir, considera-se a disciplina como produção ritual de formas de pertencimento que podem constituir *habitus* duradouros, ou seja, indo além das formas de ação ritual próprias ao espaço da escola militar.

Metodologia

Partindo de uma perspectiva compreensiva – buscando realizar a análise a partir dos/das atores/atrizes que produzem o espaço escolar –, a pesquisa foi conduzida pelo enfoque da sociologia do conhecimento (MANNHEIM, 1982; BERGER & LUCKMANN, 2010), estudando o interesse e as visões de mundo dos/das sujeitos/as envolvidos/as na escola militar, particularmente, a análise do corpo administrativo sobre como se produzem orientações coletivas (MANNHEIM, 1982) e da fenomenologia social (SCHUTZ, 2012), a partir do entendimento de relevância. Foram realizadas, nesta etapa da pesquisa, entrevistas narrativas junto ao corpo administrativo da escola, especificamente junto ao diretor, major da Brigada Militar, ao vice-diretor, tenente da Brigada Militar, e à coordenadora pedagógica, civil, da Secretaria de Educação, durante o ano de 2022. Os temas das entrevistas foram produzidos com base nos preceitos da teoria fundamentada (STRAUSS & CORBIN, 2008), consistindo na observação dos temas pertinentes nas práticas cotidianas dos/das atores/atrizes envolvidos/das e da sociologia praxiológica do conhecimento, que tem por base a análise das experiências conjuntivas, as quais dão sentido a práticas e valores, gerando, conseqüentemente, sentimento de pertencimento e comunidade (BOHNSACK, 2020).

Quanto aos procedimentos éticos, no primeiro contato deste pesquisador com o diretor da escola foi esclarecido o objetivo da pesquisa: compreender as características do modelo de ensino, buscando entendimento na perspectiva dos/das envolvidos/as na sua produção cotidiana; esclareceu-se igualmente que as etapas da pesquisa seriam explicadas de antemão à direção da escola.

Também foram informados os objetivos para os/as entrevistados/as e entregue o termo de consentimento livre e esclarecido, nas versões escrita e oral, antes de iniciadas as entrevistas e o registro em gravação. É importante destacar que o ingresso na escola foi possibilitado tanto pela apresentação dos objetivos de antemão quanto pela observância dos procedimentos militares, como o pedido de autorização para realização das entrevistas previamente à direção, considerando os ritos hierárquicos militares.

Foi realizada reunião com o diretor para a apresentação da pesquisa no início de 2022 e a solicitação da permissão para sua realização, sendo possível já realizar perguntas sobre o funcionamento da escola e temas relevantes (sem gravação da entrevista) e posterior envio de perguntas por *e-mail*, em razão de sua indisponibilidade de horário para entrevista presencial. Junto ao vice-diretor e à coordenadora pedagógica foi possível realizar entrevista narrativa gravada. As entrevistas trataram dos seguintes temas: *como iniciou o trabalho com ensino militar; o que percebe ser a principal característica ou características de uma escola militar; eventuais diferenças em relação ao ensino civil; e quais seriam as razões para busca do ensino militar*. Para o vice-diretor perguntou-se sobre a *semana de adaptação*, período de atividades em tempo integral antes do início das aulas, na qual

novos/as estudantes realizam atividades para compreender as características e normas da nova escola. Para a coordenadora pedagógica questionou-se, também, sobre *como se dava a relação civil/militar na escola*. A partir desse roteiro e dos conteúdos das entrevistas, compreendendo o sistema de relevância (SCHUTZ, 2012) narrado pelos entrevistados e a entrevistada, é que foram selecionados os tópicos relevantes para a presente análise, considerando aí a bibliografia de referência sobre ensino militar, compreendendo os seguintes tópicos: *razão da procura pelo ensino militar; divisão das tarefas entre civis e militares; características da escola e estudantes; ritos*.

Análise das entrevistas

O primeiro tema abordado com os entrevistados e a entrevistada foi relacionado à *razão da busca pela escola militar*. O vice-diretor⁶ aponta primeiramente a grande busca pela escola, o que fica visível pelo número de candidatos/as por vaga, e considera como motivo importante para escolha da escola o ensino do respeito, o que pode ser compreendido como característica inerente à disciplina.

“A nossa escola ela recebe sempre em média, bem mais inscrições do que vagas, tanto é que é um processo seletivo. Então, a pessoa procura, quer estudar aqui! É um processo seletivo até, relativamente, concorrido. Então claro que as famílias buscam né, tem buscado, veem no colégio Tiradentes segurança né, se trabalha bastante a questão do respeito aqui dentro né a palavra respeito é bastante ensinada, dando exemplos os alunos fazem, inclusive, trabalhos em cima disso né. Eles têm uma disciplina chamada Instrução cívico-militar também onde todos esses temas são abordados” (Vice-diretor).

Sobre a mesma questão, o diretor compreende, em acordo com parte da bibliografia sobre o tema, que há um interesse na escola em razão do “sucesso de seus alunos em ingresso no ensino superior”, além de ressaltar aspectos relacionados a segurança e disciplina.

“O senhor saberia dizer o que as famílias e jovens buscam no ensino militar?” (Entrevistador).

“Buscam um ensino de turno integral, disciplina - não apenas formal, mas intelectual também, estrutura adequada, um meio seguro livre de bullying, de drogas e de tantas outras coisas que ocorrem em outros colégios. Há um regulamento disciplinar a ser observado pelos alunos” (Diretor).

É interessante observar *de que forma* a disciplina é compreendida em sua aplicação cotidiana, de que modo opera, no sentido de apoiar o processo educativo na interpretação desses/as sujeitos/as, o que é explicitado pela coordenadora pedagógica:

“Disciplina não é uma coisa, não é assim que o aluno tem que ser robzinho não. A disciplina é o aluno não conversar em aula e prestar atenção na explicação do professor. Por exemplo, aqui assim ó: Tem quatro turmas lá no térreo. Tais escutando algum barulho? Não, né? Tu vai chegar lá tu vai espionar aí, nem o professor precisa falar alto para dar sua aula porque é tudo tranquilo. Ninguém grita com ninguém, todo mundo se respeita. E isso contribui muito para o aprendizado, né?” (Coordenadora pedagógica).

A pesquisa de Sauer (2017) percebeu que tal característica passa a ser adotada também pela família, como a obediência aos horários, pois como “é necessário que as regras sejam respeitadas, e os demais membros da família precisam compreender e aceitar o que é imposto pelo Colégio, o que parecem fazer sem muitos questionamentos, começando pela pontualidade” (SAUER, 2017, p. 72).

É possível observar dois tópicos, em especial, sobre a disciplina: a rejeição dessa prática como acrítica e a *divisão de tarefas entre civis e militares*. Ao rejeitar a ideia de que os/as estudantes empregam a disciplina ‘como robzinhos’, a coordenadora pedagógica compreende que há agência, ou seja, escolha por parte desses/as estudantes em seguir as normas. Considerando a divisão de tarefas, percebe-se que cabe aos/às militares a aplicação da disciplina e aos/às professores/as, o ensino. O diretor faz a distinção entre atividades na relação dos/das civis com os/as militares na Escola Tiradentes, que se diferencia de outros modelos militares, mas considera que o ensino é civil, tornando perceptível que a divisão de tarefas é de conhecimento comum da administração:

“No caso dos Colégios Tiradentes o ensino é civil, por que os professores são civis. O que muda é a administração, que é militar, e a inclusão de ritos militares, como entrar em forma, cantar hinos, marchar etc. Mas quanto ao ensino, é isonômico ao civil com a diferença que temos turno integral, ou seja, aulas pela manhã e tarde” (Diretor).

Na próxima fala da coordenadora pedagógica pode-se compreender, em maior detalhe, como se realiza a divisão de atividades entre civis e militares na escola; em síntese, conforme a fala da entrevistada, considera como uma forma de garantir a autoridade do/da professor/a em sala de aula, em caso de conflito ou indisciplina. Foi possível perceber que há uma preocupação em demonstrar que tais normas servem também para a defesa dos/das estudantes, caso seja comprovada uma injustiça, cabendo formas de representação. É interessante, de qualquer modo, que caberá aos/às militares a mediação e resolução de eventuais problemas.

“Então eu sempre digo quando chega um professor novo aqui, os militares são os nossos melhores amigos, porque a gente não precisa se preocupar assim com nada. [...] na sala de aula o professor é a autoridade, então ele que vai comandar a sua aula. E se ele tiver algum problema com algum aluno ali, o que é muito difícil de acontecer, ele não precisa se estressar com o aluno. Ele não precisa discutir com o aluno, ele simplesmente vai pedir para o aluno se retirar e aí ele faz um comunicado pelo corpo de alunos ali, que é um setor da disciplina, e vai dizer ó, na hora tal, do dia tal, aconteceu tal coisa com o aluno e vai pedir para o aluno se retirar. Se por acaso o aluno não quiser se retirar ele pede para o chefe de turma, que toda semana tem um aluno que é chefe de turma, vai ali chama um militar para retirar o aluno, o

militar vai lá e pede, convida o aluno a se retirar. Claro, nunca vai acontecer violência, nada disso, né. E o aluno por sua vez, quando ele recebe essa comunicação do professor ele tem direito a defesa, ele pode se defender. Não, também aconteceu isto e isto por parte do professor, aí o tenente vai fazer essa mediação, então vai ficar resolvido. Quem por acaso cometeu alguma coisa ali vai ter que pedir desculpas e não fazer mais. Isso é muito tranquilo, dificilmente temos problemas de indisciplina na sala de aula” (Coordenadora pedagógica).

Também é responsabilidade de militares, especificamente do vice-diretor, o ensino das normas escolares que devem ser seguidas e que garantem essa divisão de tarefas. Além disso, o cumprimento da disciplina na escola, segundo o entrevistado, terá papel importante na formação dos/das estudantes, para além do ambiente escolar. Isso é feito através de matéria escolar específica ministrada por ele, que se preocupa em demonstrar em sua fala que não se trata de instrução, mas de diálogo com os/as estudantes.

“Nós trabalhamos, nós temos o manual do aluno né, onde lá estão inseridas várias palavras importantes né, respeito, tolerância, humanismo, fraternidade, compaixão, amizade, coleguismo. Todas essas palavras são trabalhadas com eles né, não apenas de forma assim muito rápida “Não, temos que melhorar, mas que manter o respeito”. Não! O que que é o respeito? Daonde vem essa palavra? E como eu posso manifestar isso? Como que eu mantenho isso? O que é o respeito? O que é a tolerância? O que que é a discriminação? Como é que é? E eles fazem trabalho sobre isso, avaliativos inclusive, e fazem bons trabalhos né! E como eu sempre digo pra eles, eu que dou essa instrução pra eles né, essa disciplina, e gosto de trabalhar isso com eles. Como eu sempre digo, todo cidadão que consegue desenvolver, consegue internalizar respeito, compaixão, fraternidade, tolerância, humanismo, vai ser um bom cidadão. Certamente não vai dar problema, não vai se envolver, de repente, com coisas erradas. E isso tudo visa o que? Visa vivermos um ambiente de paz, de harmonia, de bom convívio, de igualdade, tranquilidade. Serenidade para que ele possa entrar na sala de aula e receber os conteúdos previstos como Matemática, Física, Filosofia, Sociologia... enfim, Redação, Línguas estrangeiras de forma bem tranquila onde sempre vai imperar o respeito onde o aluno vai poder levantar a mão 5 ou 10 vezes se for o caso, vai poder perguntar algo pro professor sem medo! Sem medo de sofrer algum bullying do colega que vai chamá-lo de alguma coisa por estar perguntando reiteradamente. Então se desenvolve isso daí (Vice-diretor).

Tal disciplina é um diferencial do ensino civil e serve como uma das formas de socialização específica nesse ambiente, algo comum nas escolas militares, como nota Luiz Antônio Cunha (2019): “Nos estabelecimentos militares, tanto nos federais como nos estaduais, a educação moral e cívica é valorizada com este ou outro nome” (CUNHA, 2019, p. 648).

No que diz respeito às características específicas da escola, como já apontado anteriormente pelo diretor, está a inclusão dos ritos militares. A coordenadora percebe a diferença entre a escola civil e a militar e comenta sobre já ter trabalhado durante muitos anos em escolas civis estaduais. Segundo ela, em razão desses ritos militares e, especificamente, pelas regras que os/as estudantes já sabem de antemão que deverão cumprir, o trabalho pedagógico é facilitado.

“Aqui a gente tem todo um apoio, uma estrutura militar pra manter as regras. Não é que a escola civil não tenha regras, mas a escola civil ela tem um público que é mais difícil de tu fazer cumprir as regras. E na escola militar não, o aluno entra aqui ele já sabe que ele vai ter que seguir um padrão, né. E aí os militares nos dão toda essa estrutura, e regras são boas para todos, porque aí os direitos de todos são respeitados. O direito do professor de dar uma aula sem ter indisciplina na sala de aula, então o professor ele consegue trabalhar da melhor maneira possível” (Coordenadora pedagógica).

Questionada sobre a existência de características específicas entre estudantes, responde que são ‘jovens interessados/as’, significando objetivos acadêmicos, e que sabem, de antemão, o que encontrarão em termos de normas e cobranças, especialmente em razão da forma de ingresso na escola:

“É muito difícil o ingresso na escola porque eles têm que passar por um concurso. Então o aluno pra conseguir, esse ano passado foi 17 por vaga, então o aluno além de ele já se preparar durante o fundamental 2, para vir aqui, para estudar aqui, ele ainda precisa uma preparação extra, fazer um cursinho alguma coisa. Então o aluno ele não cai aqui por acaso. É uma coisa muito estudada com as famílias e com o aluno, porque o aluno também, ele tem que querer estar aqui! O que é uma carga muito grande de horas aula, são 1.400 horas por ano” (Coordenadora Pedagógica).

Também sobre as características dos/das estudantes, o vice-diretor enfatiza aquilo que buscam desenvolver, principalmente a capacidade de expressar-se em público e a liderança, ambas instigadas em razão da *militaridade*.

“O nosso colégio militar dá uma ênfase um pouco maior, desenvolve neles também a questão da liderança pra poder se expressar em público, ficar mais desinibido, todos têm oportunidade de comandar os próprios colegas. Ali é avaliado como é que ele vai comandar, será que não vai abusar do seu poder né, sempre vigiado por nós né. E ali como é uma escola, essa parte de militaridade que é desenvolvido de manhã, em poucos minutos na verdade, em 30 minutos, às vezes 20 minutos, mas todos os dias um pouquinho né, acaba então em 3 anos eles vão desenvolvendo isso, sempre então quando precisamos reuni-los a gente ‘Oh, vamos entrar em forma na rua, no pátio. Não! Agora, hoje, vamos entrar em forma no auditório’, então eles entram ali de maneira ordenada, sentam ali” (Vice-diretor).

“E isso é uma atividade cotidiana?” (Entrevistador).

“Cotidiana!” (Vice-diretor).

Assim, o que se compreende como *militaridade* é regularmente praticada através dos ritos militares e tem papel central na constituição de um *habitus* típico ao espaço dessa escola – e, quem sabe, para além desse ambiente – que é produzido, como se vê, cotidianamente, tendo como foco, além da questão disciplinar, que se mostra como característica central, o estabelecimento de sociabilidades hierarquizadas e formalizadas, além de outros valores que são percebidos como importantes nesse meio, como a meritocracia. Tais valores e rituais são apresentados na *semana de adaptação* ou recepção, cujo objetivo foi explicado pelo vice-diretor:

“Nessa semana nós vamos trabalhar especificamente essa questão praticamente né, da militaridade. Então pra que quando no encerramento dessa semana ele possa estar mais ou menos nivelado com os demais alunos, quando os outros retornam, né. Depois findada essa uma semana, o segundo ano e o terceiro ano retornam para as atividades aqui, este primeiro ano que está ingressando agora né, que ingressa, já esteja mais ou menos nivelado, ele já vai saber aquela questão ‘Oh já sei fazer a continência, já sei como isso, já sei marchar’. Claro que ele não vai aprender tudo de forma detalhada, não vai sair um [...] aluno em uma semana, mas ele já vai ter uma boa noção né” (Vice-diretor).

Essa atividade é voltada para os/as ingressantes do primeiro ano do ensino médio, momento em que os/as estudantes aprendem como agir na escola Tiradentes; caso não tenham interesse, poderão solicitar sua transferência, como aponta a coordenadora.

“E o aluno, por isso que eu disse que o aluno tem que querer estar aqui. Porque se ele, na semana de adaptação, ele acha que essa escola, esse modelo, esse formato, ele não se sente bem, ele tá livre para se transferir para outra escola como acontece todos os anos. O aluno entra e vê que não é o perfil dele, aí ele pede, a família pede e transfere. Sem problema nenhum” (Coordenadora pedagógica).

Ela ressalta também que somente estudantes de escolas Tiradentes de outras cidades podem solicitar ingresso em séries posteriores, pois já estão habituados/as com os ritos militares, o que busca ser garantido a partir da troca de experiências entre as escolas dessa rede. O vice-diretor conta que, quando da fundação da escola na cidade de Pelotas, o treinamento da nova equipe foi realizado por integrantes da escola de Porto Alegre:

“O senhor disse que recebeu um acompanhamento, treinamento da escola Tiradentes de Porto Alegre né?” (Entrevistador).

“Sim” (Vice-diretor).

“O senhor pode me dizer como é que foi esse treinamento, do que tratava especificamente?” (Entrevistador).

“De como lidar assim, com a rotina, com os alunos né. Claro, nós também fizemos uma visita, antes de receber os novos alunos, nós fomos a São Gabriel, me lembro que fomos lá também, ver como funcionava né a rotina assim, a questão até da parte burocrática né, trâmite da documentação se teria uma coisa diferente do que nós vimos [...] naquele momento eu fui também designado para chefiar a disciplina dos alunos, trabalhar com os alunos diretamente né. Aí nós recebemos aqui alguns alunos né, do terceiro ano do ensino médio de Porto Alegre e, eu acho também, um servidor, veio um servidor ou dois servidores juntos que foram nos dando as primeiras dicas né, o primeiro norte de como realmente na prática lidar ali né, com os jovens ali né. Depois a gente foi deslanchando, foi se aprimorando, porque também cada região tem uma peculiaridade, tem uma cultura às vezes um pouquinho diferente, né?” (Vice-diretor).

“E o senhor se lembra do que se tratava principalmente dessas dicas, o que que era mais importante que o pessoal veio lhe explicar?” (Entrevistador).

“Olha, ali as dicas iniciais assim é a mesma que a gente usa hoje com os alunos né. O aluno ele vem de uma escola civil, onde também há cumprimento de regras e tudo mais, mas num colégio militar essa parte é dado uma maior, vamos dizer assim, ênfase né, eles mantêm

muita uniformidade, usam uniformes, os uniformes devem ser realmente usados pra que todos sejam iguais né, pra que não haja distinção de um para o outro. Então basicamente foi isso aí, muito, muito do militarismo como um todo né, a gente usa muito essas palavras que a gente trabalha bastante, hierarquia e disciplina né, padronização de apresentação pessoal, como lidar com os jovens também, né?” (Vice-diretor).

Percebe-se que há um processo de socialização metódica, empregando um termo de Emile Durkheim (2012) que parece adequado à compreensão do processo de ensino aqui tratado⁷, que passa pela *militaridade* e que pode ser entendida como racionalidade prática típica à escola militar, tendo como um dos objetivos principais o ‘nivelamento’ dos/das estudantes a partir da realização cotidiana de diversos rituais, padronizando as formas de sociabilidade.

Ainda sobre a ênfase na *militaridade*, na agenda distribuída aos/às estudantes estão descritos os direitos e deveres, assim como outras informações relevantes sobre a escola. No início da agenda, lê-se os objetivos da Escola Tiradentes, sendo o último deles: “Através da *militaridade*, buscam-se referências de princípios e valores humanos basilares a uma postura de liderança cidadã, os quais serão usados por cada aluno diariamente em seu futuro” (Agenda Colégio Tiradentes, 2021, p. 2). Numa passagem um pouco mais extensa da entrevista, o vice-diretor explica esse processo em detalhes:

“Um dos termos, a soldado Saraiva (secretária da escola) me deu a agenda e tem todo o código de disciplina, tem todo estatuto lá e um dos primeiros termos que o senhor comentou é sobre a questão da hierarquia e também tinha um termo que eu não conhecia: militaridade. O senhor poderia me explicar o que é militaridade?” (Entrevistador).

“Militaridade, na verdade é são questões às vezes específicas que só se trabalha dentro de ambientes militares, como por exemplo, cumprimento entre as pessoas no ambiente militar é através da continência, né? A continência é como se eu fosse dizer “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” pra uma pessoa né, e isso nós ensinamos para os alunos estudantes então eles também entre eles se cumprimentam assim, não que não precise dizer também bom dia, não, então quando um militar passa pelo outro ele presta continência isso significa que ele está dizendo bom dia, não necessariamente precisa complementar dizendo bom dia, mas normalmente a maneira mais educada, mais cortês seria fazer continência e dizer “Bom dia! Bom dia tenente, bom dia sargento”, “bom dia aluno”. Outra questão são as formaturas militares né, que existem dentro dos quartéis, dentro dos ambientes de formação de policiais militares e de militares como geral, forças armadas, também se trabalha então isso é a questão militar né. Então eles também quando chegam na escola de manhã, eles entram fazem aquela formação militar, aqueles blocos né, podem chamar de quadradinhos, quadros né, aquela formação de colunas de fileiras, então eles entram em forma, como a gente diz no meio militar né. Então isso no nosso entendimento visa que desde a chegada de manhã eles já entram se agrupam ali naquela formação militar e acaba organizando desde cedo o ambiente né, e ali a gente consegue até fazer uma chamada né, verificar a questão da apresentação pessoal né, se todos estão usando o uniforme corretamente, se todos estão uniformizados né. Tem a questão de apresentação pessoal no tocante a questão do cabelo né, maquiagem, tudo pra que a gente, tudo tem o objetivo assim de padronizar, pra que todos tenham mais ou menos o mesmo jeito de se vestir, de ter o mesmo cabelo, daqui a pouco um teria o cabelo muito grande, um menor, ah então tudo é um padrão. Isso é militaridade né. Assim como nós também na nossa profissão, ah, os meninos por exemplo, tem que sempre estarem com a barba raspada, enfim né, esses detalhes. E também, aprender a marchar, a marchar quando... existem né, tradicionalmente

anualmente desfiles militares né, cívico-militares, 7 de Setembro como por exemplo aqui em Pelotas e região e também 20 de setembro por razão, sei lá, Farroupilha. Então existem, isso são apresentações, pra mostrar ali que o aluno está preparado, que ele aprendeu a marchar, isso também desenvolve nele a coordenação motora, isso é bastante interessante pela questão esquerda, direita, esquerda, direita, o que é esquerda? No início alguns se atrapalham um pouco, daqui a pouco 'oh, entrou no ritmo, né', aquela questão de dar o comando 'esquerda volver' alguns vão para a direita, não é esquerda, isso também, nós entendemos ali que é importante para desenvolver a coordenação motora. Então eles aprendem depois, isso serve e é muito legal, eles se apresentam em público, então eles nos desfiles, que eu sempre acompanhei a bastante tempo, há 10 anos, sempre a população tem gostado bastante 'lá vem o colégio Tiradentes com o uniforme branco' eles têm um uniforme específico pra desfiles né. Então é bem legal, isso aí seria essa questão da militaridade" (Vice-diretor).

É interessante observar que, para o entrevistado, o entendimento da *militaridade* é introjetado a partir de práticas cotidianas, a partir da simbologia própria ao meio militar, mais especificamente, da hierarquia e da ordem. Ele encerrou sua fala explicando que a realização de tais práticas e rituais, como desfiles, são uma demonstração pública das características distintivas – em sua análise, apreciadas pela população.

Considerações finais

Dado que a pesquisa foi realizada com o corpo administrativo da Escola Tiradentes, foi possível observar as representações sobre a escola militar e inferir como são orientadas as práticas sociais dessa escola. Sobre as representações, notou-se que aquilo que está presente como representação dominante sobre o ensino militar – melhores resultados dos/das estudantes, disciplina e proteção contra violência – é algo presente na compreensão dos entrevistados e da entrevistada. Para o diretor, há uma diferenciação entre as escolas militares, buscando enfatizar que é “*uma escola civil dirigida por militares*”, em especial, na sua consideração, pelo fato de o corpo docente ser civil. No entanto, é preciso observar a proporção de estudantes oriundos/as de família de militares, que constitui a maior parte deles/as.

No que se refere às práticas sociais, perceberam-se características a respeito da divisão social do trabalho, tendo por base aquilo que definem como *militaridade*. Esse aspecto é percebido como essencial no processo de tornar-se um/uma estudante militar – adoção de valores meritocráticos, hierarquia, ordem e, por fim, a aceitação da diferença entre posições sociais – mais especialmente, que cabe a militares a direção do ambiente escolar. Assim, mesmo compreendendo que a autoridade em sala de aula é do/da professor/a, como observa a coordenadora pedagógica, ela é dependente de uma autoridade mais abrangente, e que cabe a militares garantir a disciplina na escola, realizada a partir da aplicação de normas típicas ao contexto, que se apresentam cotidianamente e através de rituais variados. Em última instância, portanto, são militares os/as garantidores/as

do funcionamento da dinâmica social dentro da escola, considerando as diferenciações hierárquicas que se apresentam nas formas de tratamento e formalização das interações sociais, formalização dos contatos sociais etc.

A compreensão do corpo diretivo é de que os/as estudantes e seus/suas familiares escolhem esse modelo escolar em razão da compreensão do sucesso desse tipo de ensino, expresso através de maiores notas e maior aprovação no ingresso no ensino superior. Ademais, que esses/as jovens apreciam as dinâmicas militares, considerando a própria forma como as aulas são ministradas, a participação em festividades cívicas, o uso de uniforme, entre outros, como uma forma de socialização e constituição de visão de mundo que ultrapassa o ambiente específico, ao constituir um *habitus* duradouro e que adota a *militaridade* como traço social.

Há de se considerar que a maior parte dos/das ingressantes na escola são oriundos/as de família de militares, observando a forma como são ofertadas as vagas. Tal característica, por si, já faz necessário o questionamento junto à Secretaria de Educação, dado o seccionamento de vagas públicas. É importante analisar como esse aspecto é compreendido pelas famílias, e se faz parte de sua dinâmica social de alguma forma. Ainda, há de se analisar como essa *militaridade* enquanto *ethos* está sendo praticada para além do ambiente escolar e quais são as consequências da adoção dessa forma de comportamento social. Também é interessante observar o desenvolvimento das sociabilidades entre estudantes e desses/as com professores/as, de forma a compreender como se desenvolve o *conhecimento conjuntivo*, tendo em conta que esses/as jovens passam suas manhãs e tardes na escola, durante cinco dias da semana, além da participação em eventos cívicos; isso que constitui um sentimento de comunidade e, seguindo a hipótese da adoção desse *ethos* para além da escola, interessa observar de que maneira isso repercutirá na sociedade como um todo. Para que seja possível verificar tal hipótese, se faz necessária a continuidade da pesquisa, compreendendo a análise junto a professores/as, estudantes, familiares, assim como a análise comparativa e contextual.

Recebido em: 25/10/2022; Aprovado em: 30/03/2023.

Notas

- 1 Além da abordagem própria da área da educação, já mencionada, ainda seria possível tratar do tema a partir da legislação sobre a educação, o que não é ignorado, mas não é o foco do artigo.
- 2 Capacidade de influência e mobilização de vontades; distinção entre líderes e subordinados/as, a partir da adoção de valores denominados como 'militarismo'; pessoas de referência a partir da posição hierárquica.

- 3 Informações sobre a Escola Tiradentes de Pelotas foram registradas nas entrevistas. Demais informações sobre a rede de ensino estão disponíveis no site <<https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/colégio-tiradentes-2023>>.
- 4 Conforme o edital de seleção de novos estudantes da escola as vagas não destinadas a policiais militares ou bombeiros é próxima a 36% do total de vagas ofertadas (<https://www.estado.rs.gov.br/colégio-tiradentes-abre-inscricoes-para-processo-seletivo-2023>)
- 5 É, portanto, um tipo ideal, pois o modelo de referência trata de internos/as, o que constitui um *habitus* mais homogêneo entre seus/suas participantes. Aqui, por outros meios, o *habitus* voltado ao ‘militarismo’ é garantido pelo tempo de participação maior na escola e pela garantia da participação das famílias nas atividades da escola.
- 6 O entrevistado, além da vice-direção, também é responsável pela recepção dos/as novos/as estudantes e pelo processo de ‘adaptação’ ao ensino militar – a aceitação das tarefas, hierarquia, vestimenta, entre outros elementos que são compreendidos como necessários à adoção do *ethos* do ‘militarismo’.
- 7 Aqui essa socialização é construída, diferentemente da compreensão original de Durkheim de uma moralidade comum à toda sociedade, numa perspectiva de diferenciação hierárquica dos papéis entre civis e militares, o que não está presente na obra de Durkheim. Assim, mantém-se da obra a compreensão do processo de *socialização metódica* no ensino.

Referências

AGENDA Colégio Tiradentes – Brigada Militar. Pelotas, 2021.

BENEVIDES, Alessandra de Araújo & SOARES, Ricardo Brito. Diferencial de desempenho de alunos das escolas militares: o caso das escolas públicas do Ceará. In: *Nova Economia*. v. 30, n. 1, p. 317-243. 2020.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOHNSACK, Ralf. *Pesquisa social reconstrutiva*. Petrópolis: Vozes, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CABRAL, Jefferson Fernando Ribeiro. *A militarização da escola: um debate a ser enfrentado*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté. 2018.

CUNHA, Luiz Antônio. Religião, moral e civismo em curso: a marcha da socialização política. In: *Revista Retratos da Escola*. Brasília, v. 13, n. 27, p. 637-654, set./dez. 2019.

DURKHEIM, Emile. *A Educação moral*. Petrópolis, Vozes, 2012.

GARRIDO, Rodrigo Grazinoli & FILPO, Klever Paulo Leal. Pelotão, alto! Militarização como resposta aos casos de violência escolar no Brasil. In: *Revista Caribeña de Investigación Educativa*. 2(2), 94-106. 2018.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HONORATO, Hércules Guimarães. A militarização como política de educação pública: um outro olhar. In: *Revista Relações Sociais*, v. 03, n. 01, 2020.

MANNHEIM, Karl. *Structures of thinking*. Londres: RKP, 1982.

PEIRANO, Mariza. *Rituais: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Naum Thiagor Lippaus Pires. & RODRIGUES, Alexsandro. Ordem, limpeza e germinação: regulação da vida nas escolas cívico-militares. *Educação & Realidade*, v. 45, n. Educ. Real., 2020 45 (3), p. e98452, 2020.

SANTOS, Catarina de Almeida *et al.* Militarização das escolas públicas no Brasil: um debate necessário. *RBPAAE*, v. 35, n. 3, p. 580-591, mai./ago. 2019.

SANTOS, Paulo Ramos dos. Cap. 19 – Escolas militares: ênfase ao colégio policial militar Feliciano Nunes Pires. In: PORTELA, Keyla Christina de Almeida & Schumacher, Alexandre José (Orgs.). *Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira*. Ponta Grossa/PR: Atena, 2019.

SANTOS, Eduardo Junio Ferreira. *Militarização das escolas públicas no Brasil: expansão, significados e tendências*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia, 2020.

SAUER, Margrid Burliga. *As escolas militares e a formação do sujeito no mundo contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA. 2017.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

STRAUS, Anselm & CORBIN, Juliet. *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.